

1993, um ano de inflação e recuperação da economia

LÉA CRISTINA

O ano de 1993 não será esquecido facilmente. Há bons motivos para isso, como o crescimento da renda per capita — após três anos seguidos de perdas acumuladas — e da produção industrial, e o melhor desempenho das vendas no comércio e da economia de maneira geral. Mas há um dado negativo que, pelo menos estatisticamente, chama mais atenção do que estes indicadores: nunca a inflação brasileira foi tão alta no intervalo janeiro/dezembro — o acumulado de 1993 do Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), por exemplo, deve fechar em 2.495%, superando o recorde de 1989 (1.863%).

Os economistas Carlos Langoni e Francisco de Assis Moura de Mello ressaltam que esse recorde reflete a crise do setor público e deixa claro que as causas fundamentais da inflação estão aí. Mas Moura de Mello minimiza o que os números expressam: em outros anos, lembra, os números poderiam ter sido maiores e só não foram porque a inflação era reprimida por controles de preços. "Em outros anos, a inflação foi mascarada", resalta.

Agora, há dados positivos em alguns setores. Na verdade, a economia passou a se recuperar desde outubro de 1992 — quando foi estabelecido o impeachment de Fernando Collor e o país ganhou nova direção. Nada muito forte, capaz de reverter as perdas acumuladas desde 1990, mas que trouxe fôlego importante para o país. Até meados do ano, discutia-se se estávamos diante de uma retomada de crescimento. Os juros reais registraram taxas negativas e a recessão foi considerada coisa do passado.

Mas a partir de setembro, a indústria voltou a desacelerar, o nível de emprego, a se reduzir, e ficou mais claro que não havia retomada de crescimento. Apenas uma forte recuperação, que resulta em previsões para 1993 de um Produto Interno Bruto

(PIB) — soma de todos os bens e serviços produzidos no país — de 4,5%; um aumento de produção industrial de 8,5%; e de uma renda per capita crescendo 2,5%. Para uma retomada do crescimento é preciso que o país volte a investir: a taxa de investimento saiu do fundo do poço a que chegara em 1992 (14,5% do PIB) e deve ter passado a 15,2% em 1993, o que, entretanto, está longe de representar grandes avanços (nos anos 70 a média foi 23%).

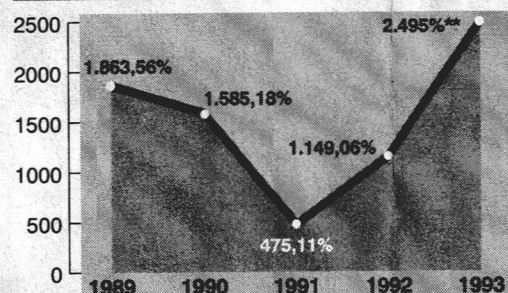
O mercado de trabalho teve prós e contras. A taxa de desemprego ficará abaixo dos 5,8% de 1992, o que representa crescimento de emprego nos diferentes ramos de atividade. Mas o emprego na indústria deverá ser negativo (até outubro registrava taxa negativa de 2%). Haverá aumento do salário médio real (até setembro o acumulado estava em 7%, segundo a Fundação Seade). Só que os ganhos obtidos pelo trabalhador não são proporcionais aos conseguidos pela economia, de maneira geral.

No acumulado até setembro, chegou a 17,9% o aumento da produtividade industrial do país: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) prevê que até o fim de 1993 esta taxa até deverá cair para 15%, mas este resultado será um recorde histórico — desde 1980, quando a produtividade começou a ser calculada, o melhor resultado foi os 10,5% de 1991.

Outro bom desempenho veio das reservas internacionais que, pelo conceito de caixa (recursos disponíveis) passou dos US\$ 19 bilhões em fins de 1992, para US\$ 27 bilhões hoje. A balança comercial é que registra queda no saldo (de 11,8%), porque as exportações cresceram timidamente (9%) em relação às importações (23,5%). Mas foi fechado o acordo da dívida externa e definitivamente a sociedade parece ter entendido que o ajuste fiscal é questão fundamental para o saneamento da crise, diz o economista Cláudio Contador, para quem, sendo assim, 1993 valeu a pena.

Os principais indicadores econômicos nos últimos cinco anos

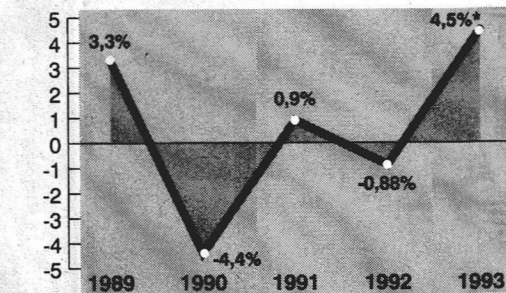
Inflação*



* Índice: INPC (IBGE)

** Com estimativa de 37,5% para dezembro

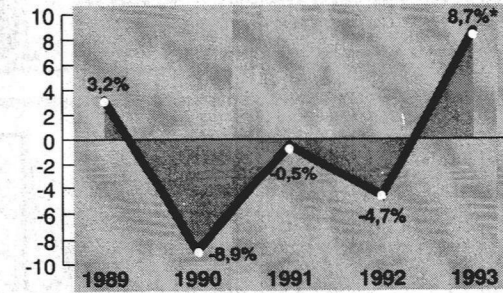
PIB



* Estimativa Ipea

FONTE: IBGE

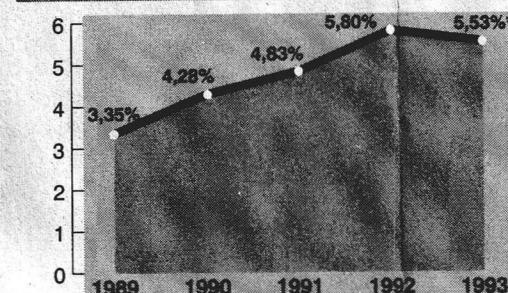
Produção industrial



* Estimativa Ipea

FONTE: IBGE

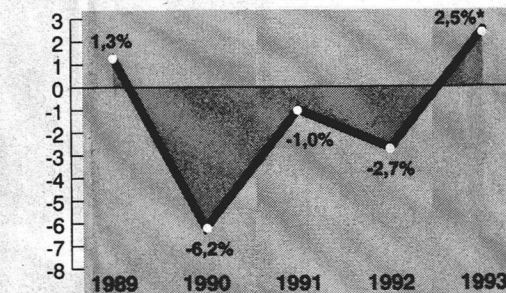
Taxa de desemprego (IBGE)



* Limite máximo

FONTE: IBGE

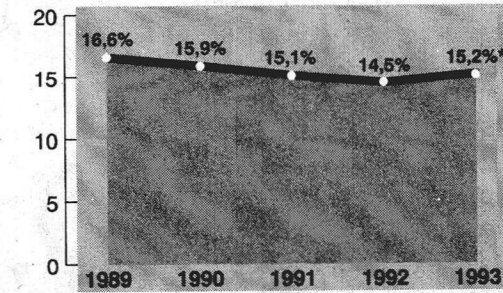
PIB per capita (IBGE)



* Estimativa

FONTE: IBGE

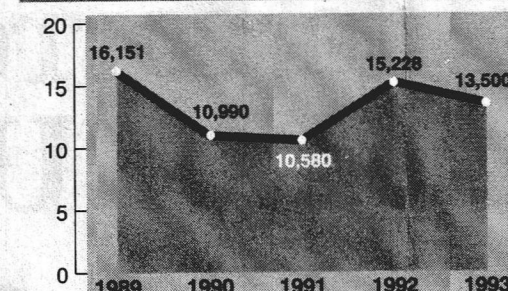
Taxa de Investimento (IBGE)



* Estimativa Ipea

FONTE: IBGE

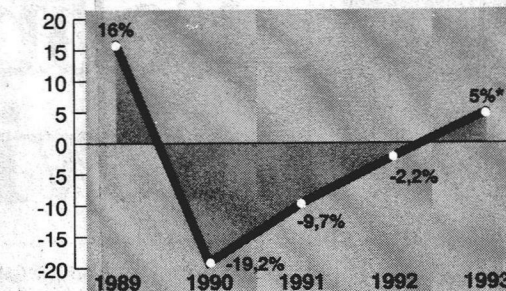
Saldo comercial (em US\$ bilhões)



* Estimativa Ipea

FONTE: Ministério da Fazenda

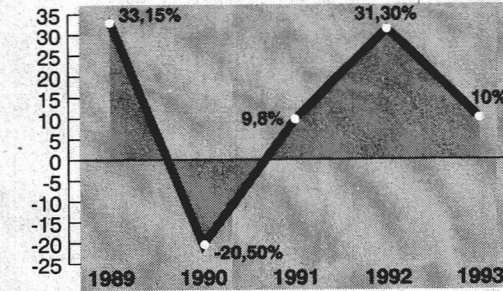
Vendas nos supermercados



* Estimativa Abras

FONTE: Abras

Taxa de juros



* Estimativa Adima

FONTE: Andima



Marcos André Pinto

Cena comum nos supermercados do país: remarcação de preços, que nem o espírito natalino conseguiu frear